

O ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAZONAS – ALAM

MARIA LUIZA DE CARVALHO CRUZ-CARDOSO¹

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta, em linhas gerais, o desenvolvimento do Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM), desenvolvido como tese de Doutorado na UFRJ e apresentado no ano de 2004. O ALAM ainda se encontra em fase de publicação e tem uma grande importância para a região, por ser o primeiro trabalho a ser desenvolvido no âmbito da Geolinguística Pluridimensional no Amazonas, considerando a ausência de pesquisas dialectológicas nessa área. O atlas foi desenvolvido na perspectiva da Geografia Linguística e da Sociolinguística Va-

¹ O ALAM era um sonho meu, de caráter acadêmico, quase impossível de ser realizado, devido à grande extensão territorial do Amazonas. Ao desembarcar no RJ, proveniente de Manaus, procurei, meio sem esperança, a Professora Sílvia Brandão, para me orientar na elaboração do Atlas. Para minha surpresa, a Professora me recebeu com imensa disponibilidade e, sem me conhecer, acreditou que eu poderia realizar esse Projeto, sozinha, no Curso de Doutorado. A ela, minha imensa gratidão, pela brilhante orientação que recebi, pela credibilidade que em mim depositou para a execução deste Projeto e por ter sido minha grande companheira nesta viagem dialetal pelo Amazonas.

riacionista, preocupando-se em controlar, de forma sistemática, as variáveis gênero e faixa etária.

Para tanto, foram selecionados nove municípios de maior representatividade para o Amazonas, segundo critérios de natureza histórica, geográfica, demográfica e socioeconômica. Foram também considerados 06 pontos de inquérito, dos 16 sugeridos por Nascentes (1958) para o Amazonas; 02 pontos de inquérito sugeridos pelo Projeto do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB e a divisão político-administrativa do Estado, de 05/10/1989, que o segmentou em 9 microrregiões homogêneas, com base nas bacias hidrográficas dos principais afluentes do Rio Amazonas. Manaus não foi selecionada, por ser a capital do Amazonas e nela se concentrar a grande maioria do contingente populacional do Estado, o que demandaria uma pesquisa mais ampla de cunho sociolinguístico. Foram, então, selecionados os seguintes municípios: Barcelos (Microrregião do Alto Rio Negro), Tefé (Microrregião do Jutá-Solimões-Juruá), Benjamin Constant (Microrregião do Alto Solimões), Eirunepé (Microrregião do Juruá), Lábrea (Microrregião do Purus), Humaitá (Microrregião do Madeira), Manacapuru (Microrregião do Rio Negro – Solimões), Itacoatiara (Microrregião do Médio Amazonas) e Parintins (Microrregião do Baixo Amazonas), conforme figura a seguir:



Figura 1 Mapa dos Pontos de Inquérito do ALAM.

2. METODOLOGIA

Foram entrevistados 06 informantes por ponto de inquérito, totalizando 54, sendo um homem e uma mulher, em cada uma das seguintes faixas etárias: 18-35 anos, de 36-55 anos e 56 em diante. Os informantes tinham, no máximo, até a 4ª série do Ensino Fundamental; eram naturais das localidades selecionadas e tinham pais e cônjuges da região em estudo. Observou-se, também, o fato de não terem se afastado da localidade por mais de um terço de suas vidas.

Foi elaborado um questionário com 483 questões, divididas em duas seções: questionário fonético-fonológico (QFF), com 156 questões, e questionário semântico-lexical (QSL), com 327 perguntas. As questões foram elaboradas com base em trabalhos que versavam sobre agricultura e pesca, nos questionários dos atlas já publicados e em algumas questões do Projeto ALiB.

O ALAM dispõe de um programa computacional específico, denominado ALAM/ MVL (Mapeamento de Variação Linguística), com um banco de dados que permite inserir todos os conceitos, dados dos informantes, das localidades e todas as respostas obtidas, tanto fonéticas quanto lexicais. Para o QFF, o programa oferece um conjunto de símbolos do IPA, e, para o QSL, uma simbologia de caracteres, selecionados da fonte *wingdings 2*. Todos os dados foram inseridos no programa computacional, obtendo-se um total de 18.324 registros.

No QFF, procurou-se observar todos os fenômenos que dizem respeito às realizações dos fonemas vocálicos em todas as posições do vocábulo e foram também elaboradas questões privilegiando a redução dos ditongos /ey/ a [e] e /ow/ a [u]. Observou-se, ainda, outro importante fenômeno que existe na fala da Amazônia, que é o alteamento da vogal tônica /o/ para [u], em qualquer posição no vocábulo, como em “tudo” [‘todo]. Quanto aos fonemas consonantais, entre outros aspectos, procurou-se registrar a realização das vibrantes, das laterais e do /S/, em todos os contextos. A seguir, apresenta-se um exemplo de Carta Fonética:

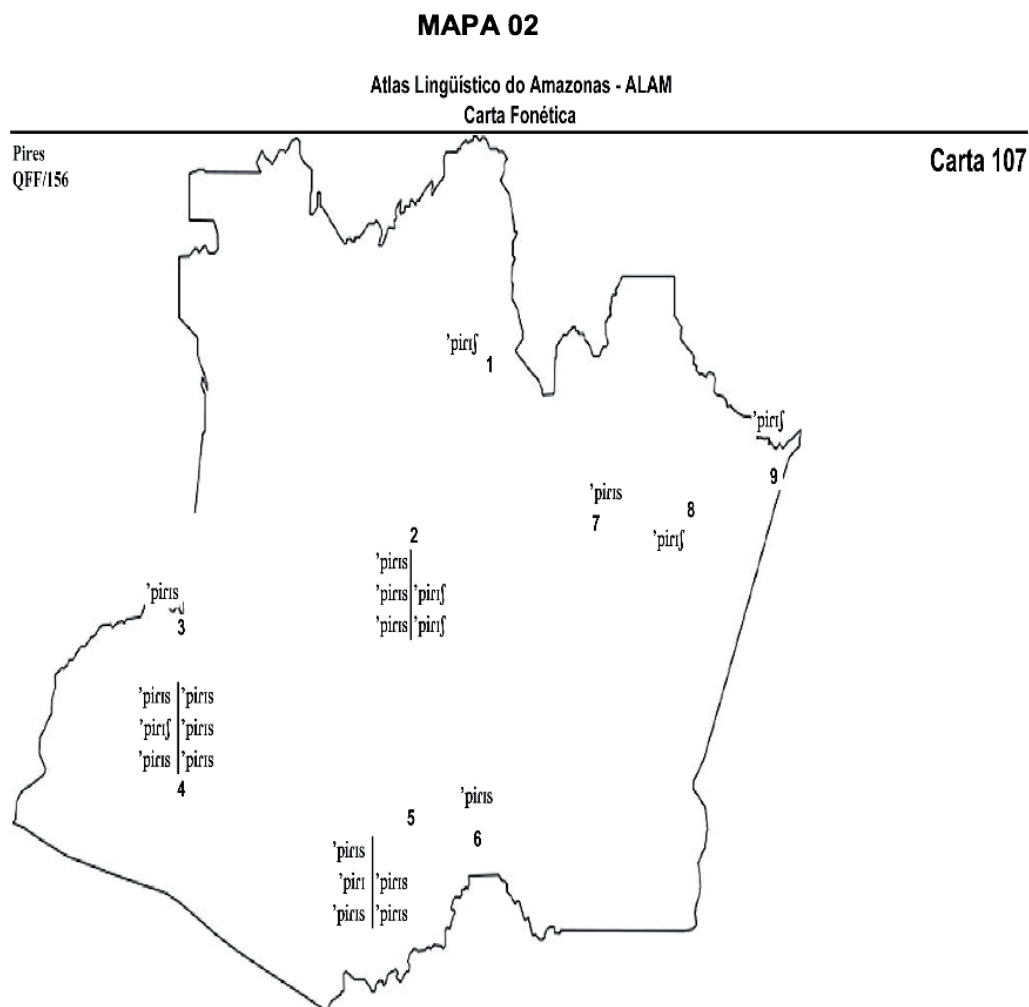


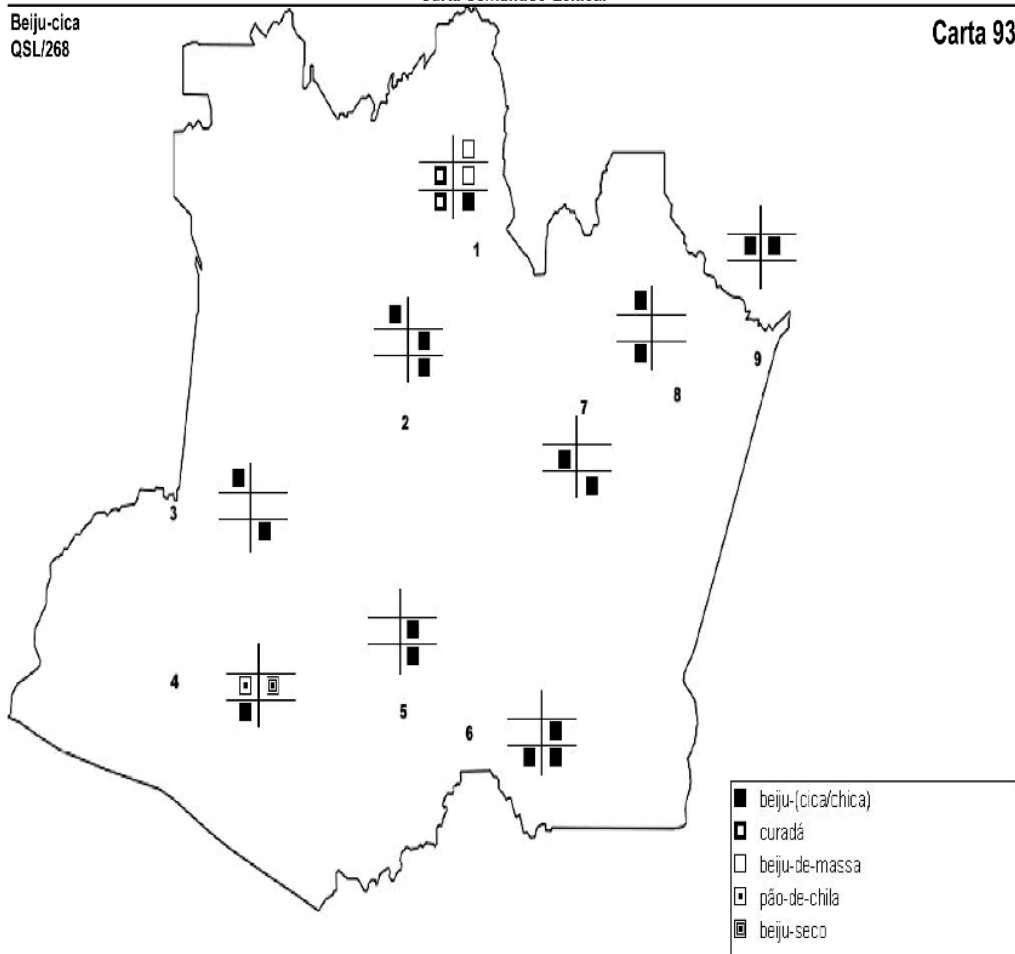
Figura 2 Exemplo de Carta Fonética da realização do /S/.

O QSL foi dividido em três campos semânticos: Meio Físico, Meio Biótico e Meio Antrópico. O Meio Físico abrangeu questões sobre a terra e os rios, e fenômenos atmosféricos; no Meio Biótico, contemplaram-se questões sobre a fauna e a flora; e no Meio Antrópico, questões relativas ao homem, atividades de produção (agricultura, caça e pesca, meios de transporte fluvial). A seguir, segue um exemplo de Carta Semântico-Lexical:

MAPA 03

Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM
Carta Semântico-LexicalBeiju-cica
QSL/268

Carta 93



Alimento feito de massa de mandioca ralada sem a casca e sem a pele.

Figura 3 Exemplo da Carta Semântico-Lexical.

Essa carta faz parte das questões relativas ao Meio Antrópico, na parte que se refere à agricultura. Foram investigados os itens lexicais utilizados na roça, quanto ao cultivo da juta e da mandioca, tendo em vista que esse tipo de agricultura é característico da região em foco.

Além dos questionários, foram realizadas elocuições livres, semidirigidas, que foram transcritas posteriormente por alunos bolsistas PIBIC/UFAM e constituem, hoje, um banco de dados disponível para a consulta e a realização de diversos estudos, não só fonéticos ou lexicais, mas também morfossintáticos, prosódicos etc.

As questões do ALAM culminaram na elaboração de 257 cartas linguísticas, sendo 107 cartas fonéticas e 150 cartas semântico-lexicais. O Atlas é apresentado em dois volumes: o primeiro contendo uma introdução de caráter metodológico e o segundo, as cartas².

Foram, ainda, elaboradas 41 cartas especiais, denominadas de Derivadas (DER), resultantes da reunião de respostas:

- a) Oriundas de questões do QFF.
- b) Oriundas de questões do QFF e do QSL.
- c) Oriundas de questões do QSL.
- d) Oriundas de questões do QSL – Meio Biótico.

Algumas delas registram diferentes itens lexicais para um mesmo conceito; outras retratam diversidade biótica ou etnográfica regional. Essas cartas devem ser lidas da seguinte forma:

- a) Indica-se à esquerda, a seguir do conceito, e após a sigla DER, já referida, o tipo de questionário e número das perguntas que lhes deram origem.
- b) Nas legendas das cartas derivadas (DER) que retratam a diversidade biótica regional, itens lexicais que constituem variantes de um mesmo elemento são seguidas de um número entre parênteses, que não só os identifica como variantes, mas também remete à sua caracterização científica.
- c) Nas cartas derivadas (DER), as respostas foram reunidas para serem apresentadas de acordo com a mesma característica científica a que pertencem.

A seguir, um exemplo de Carta Derivada (DER):

² Como se pode observar no Mapa 2, os dados fonéticos foram transcritos, utilizando-se o Alfabeto Fonético Internacional (IPA). Todas as transcrições foram realizadas pela própria pesquisadora. As entrevistas foram realizadas *in loco*, sendo gravadas em 84 minidiscos.

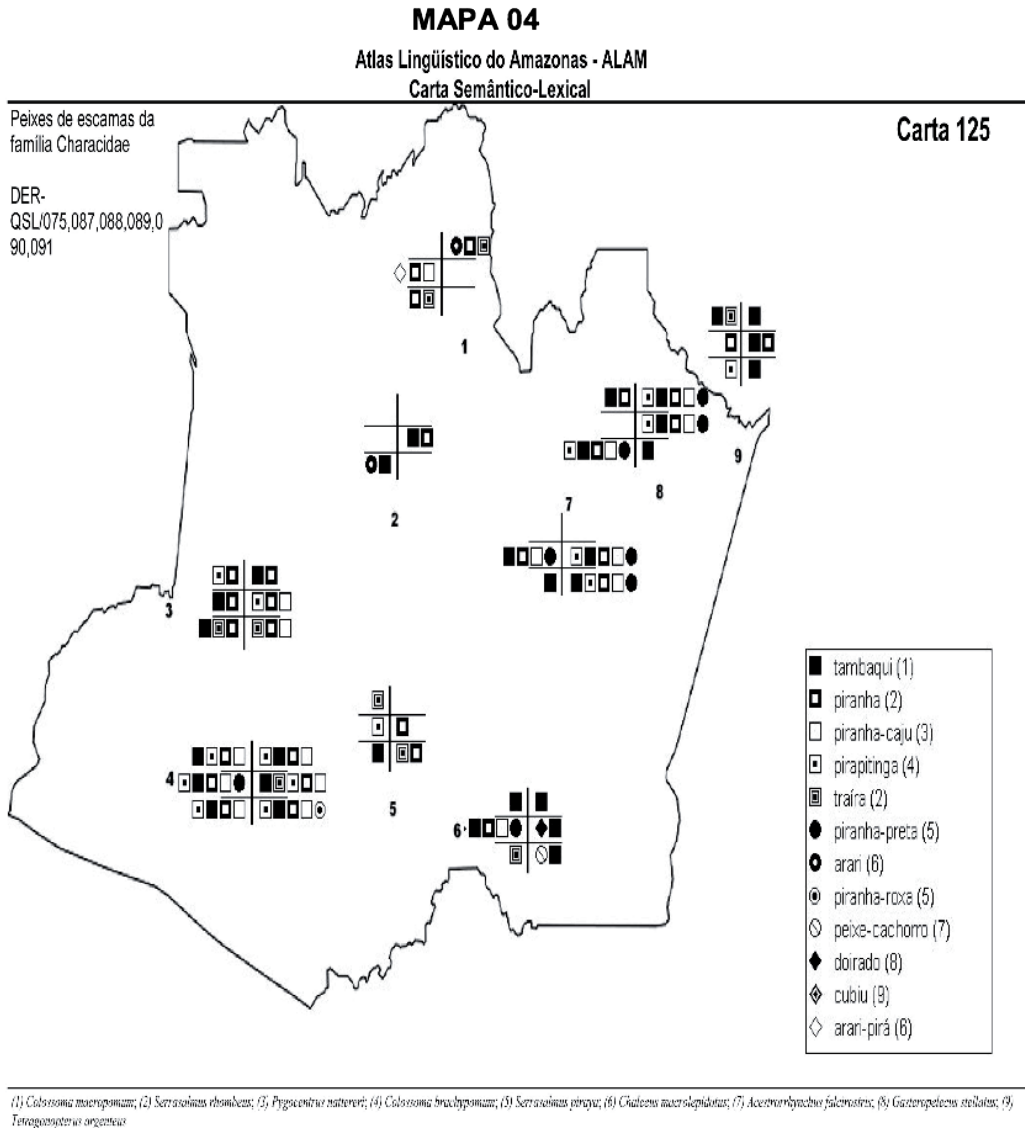


Figura 4 Exemplo de Carta Semântico-Lexical (DER).

3. RESULTADOS OBTIDOS

O Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM não teve por objetivo interpretar os resultados obtidos por meio das cartas fonéticas e das cartas semântico-lexicais, mas pôde apresentar um panorama de alguns traços que tipificam o conjunto dos falares amazonenses, segundo os dados observados na elaboração do ALAM. Traços esses que têm servido de parâmetro para o prosseguimento de

novas pesquisas na região. Dessa forma, foram observados os seguintes resultados em termos fonéticos:

- a) Há significativa ocorrência de abaixamento das vogais mediais pretônicas [ɛ, ɔ], embora se tenham encontrado também significativos índices de frequência de [e, o], bem como de alteamento [i, u], em alguns vocábulos.
- b) O alteamento, em contexto tônico, da vogal posterior média fechada, que, há muitos anos, é considerada como típico dos falares do Amazonas e do Pará, teve baixíssima representatividade na região.
- c) Os ditongos /ei/ e /ou/, nos contextos considerados condicionadores de monotongação, apresentam significativos índices de produtividade.
- d) Predominam as variantes alveolares de -S pós-vocálico nos contextos medial e final de vocábulo, tendo-se, no entanto, observado que as variantes pós-alveolares apresentam grande produtividade basicamente em três localidades: (1) Barcelos, (8) Itacoatiara e (9) Parintins.
- e) O R- forte pré-vocálico inicial de vocábulo ou intervocálico é produzido, quase de forma categórica, como fricativa glotal surda.
- f) O /t/ e o /d/ realizam-se, categoricamente, como africadas pós-alveolares diante de /i/ e como oclusivas alveolares, nos demais contextos. O /l/, em contexto pós-vocálico, concretiza-se como semivogal posterior.

Em relação aos dados provenientes do QSL, foram observados os seguintes resultados:

- a) Não foram encontradas variantes para *arco-íris* (Carta 11), considerando a diversidade observada em atlas brasileiros e europeus.
- b) Os itens lexicais *cunhantã* (Carta 40) e *curumim* (Carta 41), de origem tupi, respectivamente, *moço e moça pequena de até 10 anos de idade*, parecem estar em desuso, apresentando ocorrência apenas em Barcelos (Ponto 1), Manacapuru (Ponto 7), Itacoatiara (Ponto 8) e Parintins (Ponto 9). O mesmo ocorre com a forma *púcaro* (Carta 63), presente na fala dessas três últimas localidades, sendo mais difundida a variante *caneco*.
- c) Em relação ao item lexical *cambalhota* (Carta 76), comum a cinco dos atlas publicados, verifica-se o predomínio da variante *carambola*, sendo que, nas localidades de Eirunepé (Ponto 4) e Lábrea (Ponto 5), ocorreu na fala de mulheres da segunda faixa etária a forma *cangapé*, presente no *Atlas Linguístico da Paraíba*.
- d) O item lexical *macaca* (Carta 82), registrado no *Atlas Linguístico do Paraná*, é empregado em todas as localidades observadas para designar a brincadeira infantil conhecida como *amarelinha*.

- e) O item lexical *peteca* (Carta 77) é registrado como *bolinha de gude*, o que difere no registro de outros atlas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM encontra-se à disposição dos professores e alunos, na Biblioteca Central da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), e oferece um leque de perspectivas para outras pesquisas, tendo em vista o *corpus* coletado e o questionamento linguístico que os dados das cartas fonéticas e semântico-lexicais propiciam. Em breve, pretende-se publicar o ALAM e disponibilizar, em CD, o programa computacional que contém seus dados.

Vale ressaltar que, a partir deste trabalho, muitas outras pesquisas têm sido realizadas no Amazonas, particularmente, na UFAM, considerando os dados do ALAM e dentro da mesma perspectiva de investigação. As pesquisas acontecem no âmbito da Iniciação Científica (PIBIC) e dos Cursos de Especialização, de Mestrado e de Doutorado. Ressalte-se, ainda, que dois outros atlas já foram realizados, na UFAM, como Dissertação de Mestrado, no âmbito da Dialectologia Pluridimensional: o Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM, por Roseanny Brito, em 2011, e o Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN, por Jeiviane Justiniano, em 2012. Ambos ainda não publicados. Dessa forma, pretende-se, dentro dos próximos anos, ter um registro mais específico do modo de falar do amazonense, o que, sem dúvida, contribuirá para o conhecimento das diversas variedades brasileiras do Português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Linguístico do Paraná*. 1 v. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1994.
- ARAGÃO, Maria do Socorro; MENEZES, Cleuza de. *Atlas Linguístico da Paraíba*. 2 v. Brasília: UFPB/CNPq, 1984.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia – Formação social e cultural*. Manaus: Valer, Editora Universidade do Amazonas, 1999.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia linguística do Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- BRITO, Roseanny de Melo. *Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM*. 2011. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Atlas Linguístico de Sergipe – II*. Vol. 1, ALS – II, Vol. 2, *Introdução às cartas*; acompanhado por um conjunto de mapas. 2002. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

_____; FERREIRA, Carlota. *A Dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. *Atlas dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARiN*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. 2. ed. melh. e ampl. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.